

*Projeto Arqueológico: "O Homem das Dunas" (RN)**

*Paulo Tadeu de Souza Albuquerque***

Walner Barros Spencer

É lamentável que a importância da investigação arqueológica do Novo Mundo se torne flagrante no momento em que as evidências vêm sendo eliminadas em ritmo acelerado. Em poucas décadas, a expansão das cidades, a agricultura, as barragens e as estradas terão destruído muitos sítios importantes.

Betty J. Meggers - 1979

RESUMO: O presente artigo informa, preliminarmente, sobre as ocupações pré-históricas assinaladas no litoral do Rio Grande do Norte, em sítios dunares e paleo-lagoas, numa área que se estende desde a desembocadura do Curimataú até a fronteira com o Ceará. A rápida ocupação imobiliária no litoral e a destruição do ecossistema, pelo turismo incontrolado, estão destruindo os sítios pré-históricos, pretende-se portanto alertar às autoridades competentes e responsáveis legais do patrimônio cultural do país.

Palavras-chave: Ocupações dunares, Pré-história do Nordeste, Arqueologia de litoral

ABSTRACT: The present article, reports first of all, about the Pre-historical occupations identified in the coast of Rio Grande do Norte, in dune sites and paleo-lakes, in an area that extends from the estuary of the Curimataú river to the border of Ceará. A fast Real estate occupation in the coast and the destruction of the ecosystem, by

* O Projeto Dunas conta com o apoio do CNPQ, PPPG, IBPC/4ª Cr, FUNPEC/UFRN, IDEC/SEPLAM/RN e Fundação José Augusto.

** Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

the uncontrolled tourism, are destroying the pre-historical sites, Therefore we wish to alert the proper authorities and legal representatives cultural inheritance of the country.

Keywords: Dune sites, Pre-historical of Northeast, Coast Archeology.

Desde 1986, quando da realização do Projeto Arqueológico de Vila Flor, no Rio Grande do Norte, sítios litorâneos pré-históricos foram identificados nos municípios de Baía Formosa, Canguaretama e Tibau do Sul. Ao correr dos últimos oito anos a maioria desses sítios foram destruídos, em parte ou totalmente, devido à crescente ocupação, ao loteamento indiscriminado e sem controle, à retirada ilegal de areia e a construção de estradas sem o cuidado de pesquisa prévia. Um extenso sítio lítico sobre falésia, em Sibaúma, já não mais existe.

O conhecimento da ocupação pré-histórica do litoral potiguar é importante para entender-se o povoamento do continente americano. As pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil, principalmente em S. Raimundo Nonato (Piauí), tem derrubado antigas hipóteses e as datações vinculadas à presença do homem no território brasileiro tem recuado milhares de anos. A localização intra-continental de S. Raimundo Nonato (de onde procedem as mais antigas datações) põe, imediata e obviamente, a pergunta : Por onde passaram antes ? Para onde migraram, posteriormente ? O litoral do Rio Grande do Norte nunca tinha sido pesquisado arqueologicamente e a identificação de grande número de sítios, demonstrando o dinamismo do povoamento do litoral, na pré-história e na história, situa o Rio Grande do Norte em posição de relevo conquanto aos estudos assinalados. A pesquisa interdisciplinar desse litoral e, principalmente, a arqueológica, reveste-se de especial importância na medida que se detecta a ocupação intensiva das áreas dunares durante longos períodos da pré-história.

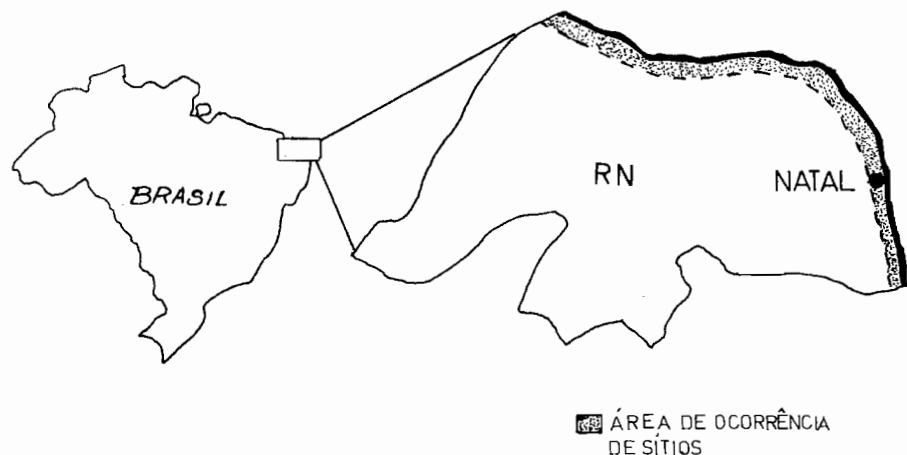
Demonstrada a presença de grupos humanos pré-históricos na área de Vila Flor, a pesquisa de superfície se estendeu até o

ano de 1991, às margens dos rios Cunhaú e Gramació e, subsequentemente, ao longo do litoral, em direção norte, nos municípios de Tibau do Sul (Sibaúma, Praia dos Amores, Ponta do Moleque, Ponta da Cancela, Enseada dos Golfinhos), Georgino Avelino (Ponta de Malembar, Praia da Barreta, Praia de Camurupim), Arês (Lagoa de Guaraíra) e de Nísia Floresta (Ponta da Ilha Verde, Praia de Búzios).

Até então, os abundantes materiais encontrados, demonstravam não estar em seus contextos originais. Os núcleos de habitação e fabrico, com toda probabilidade, já estavam destruídos pela construção de estradas e residências a beira-mar e sobre dunas. Exemplos flagrantes são o de Sibaúma e o da Praia de Búzios, cujos vestígios, hoje conturbados, apontam para a presença de populações quantitativamente significativas nos tempos pré-históricos.

Em 1992, o Laboratório de Arqueologia / LARQ, do Departamento de História da UFRN, iniciou pesquisas nos cam-

Fig.1-MAPA
PROJETO DUNAS



pos de dunas, no Parque Estadual das Dunas, no município de Natal, na parte fronteira ao mar.

A descoberta de sítios no local veio a confirmar a continuação da ocupação humana pré-histórica no litoral, pois os instrumentos líticos encontrados possuíam as mesmas características tecnológicas e de matéria-prima dos prospectados a partir da Barra do Cunhaú.

Em maio de 1993, foi elaborado um relatório destinado ao Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural / IBPC / 4^a Cr. / Fortaleza, com a intenção de registrar os sítios e sugerir medidas emergenciais de salvaguarda dos locais arqueológicos, bem como propor que tais sítios fossem incluídos no plano de trabalho de 1994 da dita instituição, visando obter recursos para as pesquisas na área.

Nele, informávamos:

Os sítios se caracterizavam por serem abertos, sobre dunas, com peculiaridades de sítios-oficinas, identificados através da presença de grande número de lascas, com e sem marcas de uso, obtidas de matérias-primas como o sílex, a calcedônia, o jaspe e o quartzito e a presença de alguns instrumentos como percutores, furadores, raspadores simples e raspadores plano-convexos. Nos locais são encontrados, igualmente, grande número de microlíticos e estilhas de lascamento por pressão. Os instrumentos foram lascados por pressão direta e indireta, com percutores moles e duros, e com técnica bipolar.

Estando restritos, na época, às prospecções do litoral ao sul da cidade de Natal, afirmávamos :

As evidências sugerem, em alguns sítios, a hipótese de que o homem que os habitou estaria dentro do estágio cultural decaçador-coletor-pescador, possivelmente do começo holoceno, visto que foi observada a total ausência de material cerâmico ou outro qualquer que indicasse que os mesmos fossem portadores de técnicas de agricultura.

No entanto, anotávamos a descoberta de um sítio além-Potengi, no local denominado Fim do Mundo, nas dunas de Genipabú, o qual, além da enorme concentração de material lítico, apresentava cerâmica da chamada tradição Tupiguarani, sub-tradição Pintada, como a indicar a sobreposição diacrônica de culturas. Informávamos então :

(um sítio) em região conhecida pela extrema mobilidade das dunas, (...) nas proximidades do que teria sido o leito antigo de um riacho, apresenta, ao lado de uma expressiva quantidade de instrumentos líticos e lascas, material cerâmico de diversas técnicas de fabricação, algumas bem grosseiras e outras de elaboração mais refinada. Esse sítio está sendo paulatinamente descoberto pela ação do vento sobre formações de dunas de até 30-40 metros de altura.

Basicamente, os sítios litorâneos orientais do Rio Grande do Norte se caracterizam por serem abertos , assentes em paleodunas do Grupo Barreiras, que hoje afloram entre as dunas, alguns claramente descobertos pela ação do vento. Encontram-se , desde sobre as falésias que bordejam o mar , até cerca de três quilômetros terra adentro, sempre associados ao ambiente das dunas, tanto às antigas quanto às recentes. São sítios-oficinas, caracterizados pelo grande número de lascas e por instrumentos terminais, dentre eles, os raspadores plano-convexos sobre lascas, com preparo dorsal escalonado e retoque fino no seu bordo, raspadores frontais e laterais, núcleos totalmente esgotados, seixos fatiados e batedores, ocorrendo também a existência, em algumas áreas, de alguns poucos instrumentos polidos, como almofarizes, mãos-de-pilão e machados. É relevante a presença de seixos de quartzo, com e sem marcas de utilização, e conglomerados de rochas que podem ter servido de "quebra-coquinhos", bigorna ou trempe. Apesar da presença de alguns instrumentos executados sobre material malacológico, é significativa a quase total ausência de restos alimentares de moluscos e peixes, não havendo, em nenhum dos sítios, algo que se possa aproximar de qualquer caracterização de lente conchífera.

Os estudos sobre as populações litorâneas brasileiras referem-se, quase que preponderantemente, ao sul e sudeste do País, e orbitam ao redor dos construtores de sambaquis e de alguns outros grupos, ainda pouco definidos, que perambulavam "acampando" nas mesmas regiões.

Em nosso caso, a caracterização preliminar descarta a cultura dos construtores de sambaquis. Ademais, não há sambaquis conhecidos no litoral do Rio Grande do Norte, ao menos conforme a definição e a consideração arqueológica, que transcende o significado lingüístico. Há citações históricas e dúbias informações sobre "concheiros" na calha de alguns rios do sul do Estado, mas as buscas têm sido infrutíferas. Buscando evitar a caracterização de sambaqui a qualquer lente superficial de conchas, André Prous reserva o termo para "sítios de depósitos homogêneos, nos quais as conchas estão bastante repartidas em superfície e profundidade, formando a quase totalidade da massa sedimentar". C. Beltrão e L. Kneip argumentam não bastar a existência de conchas em sítios para classificá-los como sambaqui e propõem este nome "para os depósitos conchíferos acumulados por grupos tribais que dependiam **essencialmente** (o grifo é nosso) da coleta de moluscos para sua alimentação, ocupando-se paralelamente da pesca"

Nosso quadro de caracterização tampouco é condizente com a definição de "acampamentos" e "sambaquis rasos". Estes, conforme André Prous, trabalhando em dados do sul do país:

São sítios nos quais os vestígios culturais estão contidos dentro de uma matriz sedimentar composta, na maior parte, de elementos minerais, e dentro da qual as conchas de moluscos, embora presentes, constituem uma parte mínima do volume do sítio.

Geralmente, estas conchas concentram-se em bolsões ou lentes de superfície limitada, enquanto o sedimento arenoso contém uma grande quantidade de restos de peixe. A relativa escassez das conchas faz com que sejam pouco espessos em relação aos sambaquis (raramente mais de um metro de espessura).

Discordamos da limitação do termo "acampamento" sem nenhum auxiliar de caracterização, pois, sendo um ato de habitar ou ocupar provisória e temporariamente um lugar, prescinde dos aspectos culturais de qualquer grupo".

Outros grupos litorâneos de caçadores-coletores-pescadores não especializados, descritos por Ondemar Dias como tradição Itaipú "A" e "B", para o litoral fluminense, não se coadunam com a tipologia do material cultural, basicamente a indústria lítica, dado que nos sítios northeriograndenses os instrumentos apresentam características específicas da chamada tradição Itaparica, definida por Valentin Calderón, e identificados por diversos outros arqueólogos para sítios do interior do Brasil, tais como P. Schmitz, W. Hurt, A. Prous, A. Barbosa, C. Beltrão, O. Dias, S. Rocha, G. Martin, A. Rohr e P. Pinheiro.

Os questionamentos levantados durante os seminários internos do LARQ confluíram para um conjunto de juízos que nos permitiu aventar a hipótese de que o sistema ecológico das dunas, associados à planície e as lagoas costeiras, e ao sistema de drenagem, foi um ambiente atrativo ao homem, permitindo-lhe desenvolver um perfeito manejo da área, para sua sobrevivência, do fim do Pleistoceno, ou início do Holoceno, até os dias de hoje.

A partir dessa premissa elaboramos o Projeto "O homem das dunas" com três etapas de campo, devido não só a extensão a ser pesquisada, mas à dificuldade de acesso a grande parte dos lugares, sendo necessário o uso de veículo especial para o trânsito na areia (*buggy*).

Etapas I - Do Cabo de Bacopari, em Baía Formosa, até a Ponta do Calcanhar, no município de Touros.

Etapas II - Da Ponta do Calcanhar até a Ponta do Mel, no município de Areia Branca.

Etapas III - Da Ponta do Mel até Canoa Quebrada, no município de Aracati, Ceará. (vide mapa).

Na primeira etapa, integrantes do LARQ percorrem o litoral de Touros até Natal, coletando informações locais e tradições orais sobre a região, e realizando uma varredura de amostragem para uma posterior busca sistemática.

Em decorrência do trabalho de varredura, a equipe do LARQ, apoiada pelo Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte / IDEC, deslocou-se para a localidade de Zumbi, município de Maxaranguape, a fim de iniciar os trabalhos de prospecção arqueológica, realizando a identificação de sítios, seu registro documental e eventual coleta de pequenas coleções de superfície que caracterizassem cada um dos sítios, para posterior eleição de algum que fôsse passível de escavação.

Logo nos primeiros dias de trabalho a conceituação de unidades espaciais, passíveis de serem definidas como sítios arqueológicos, ficou comprometida. Não foi possível, tal a quantidade e a frequência do material, a percepção de independência das áreas de concentração dos vestígios arqueológicos. No tocante à indústria lítica, pode-se dizer que há continuidade e proximidade entre os vestígios, de maneira que se adivinha a interação do complexo arqueológico com o complexo geomorfológico que ocupa.

É possível que o litoral ao sul de Natal apresentasse, anteriormente à ocupação moderna, a mesma feição identificada ao norte, com o mesmo sentido de continuidade.

Nos sítios com presença de cerâmica pode-se aplicar o conceito clássico de sítio arqueológico. A ocorrência de artefatos tem espaço definido e sempre que existente está associado às concentrações de material lítico. Não se compreende à primeira vista, até o presente momento, qual a característica ambiental que a presença de populações portadoras da tecnologia cerâmica no ambiente de dunas. Mas quando se observa detalhadamente o posicionamento desses sítios cerâmicos, observa-se que estão situados no período de paleo-lagoas e de antigos córregos hoje

dessecados pelo avanço implacável das dunas. O paleo-ambiente dos assentamentos cerâmicos era diferente, portanto, e seu aspecto se assemelhava regularmente ao das lagoas vivas existentes na mesma área, tais como a de Genipabu, com vegetação circundante de capoeiras, rica em peixe e já ameaçada pelas dunas circundantes.

Na tecnologia e na distribuição espacial a indústria cerâmica se apresenta em duas grandes **unidades**, diferentes, mas que apresentam o mesmo complexo lítico. Essas unidades foram denominadas, provisoriamente :

Unidade I : cerâmica de paredes finas, sem decoração, bordas diretas, extro e introvertidas, com formas globulares e semi-globulares. Todas as peças são de pequenas dimensões e aparecem em pequenas quantidades nos sítios.

Unidade II : cerâmica com decoração plástica, superfície alisada e decoração pintada, interna e externamente. As vasilhas apresentam formas circulares e quadrangulares, os diâmetros variam de 20 a 80cm, de bases semi-planas e arredondadas; bordas reforçadas e diretas. Registra-se a ocorrência de fusos, grandes assadores e fragmentos de cerâmica com alça. O aditivo é de cacos de cerâmica triturados e areia grossa.

A Unidade I aponta, para uma tradição ainda indeterminada, e a Unidade II se insere, no que se considera como cultura Tupiguarani. Vale salientar que não foram encontrados fragmentos de cerâmica neo-brasileira.

A complexidade das ocupações pré-históricas nas dunas potiguaras indicam a importância da relação dos vestígios arqueológicos como meio ambiente, reflexão que nos leva a afirmar:

1) a identidade dos vestígios líticos, não se coaduna com a realidade ambiental atual ;

2) os vestígios demonstrariam contemporaneidade com uma realidade ambiental completamente diferente da presente - inclusive no que concerne à proximidade do mar - se levarmos em consideração o uso atribuído, tradicionalmente, aos instrumentos referenciais da chamada tradição Itaparica ;

3) os conceitos de "*tradição*" e "*fase*" não servem de parâmetros seguros para a definição de estágios culturais e de grupos étnicos.

Outra consideração se refere a presença de utensílios de cerâmica em áreas que hoje não permitem a mínima pretensão de plantio tornando-as incompatíveis com os grupos horticultores portadores de cerâmica. Sendo inquestionável, no entanto, que a Unidade Cerâmica II foi desenvolvida por grupos que sobreviviam, principalmente, da agricultura, fica claro a grande mudança geomorfológica sofrida na área, talvez associada às últimas regressões marinhas, que teriam provocado o avanço das dunas sobre as áreas agricultáveis.

Outra evidência arqueológica significativa é a ausência de restos alimentares de procedência marinha, não permitindo associar os homens das dunas com o que seria o óbvio - sua dependência primária dos recursos do mar. Nas próximas etapas do projeto, consideramos prioritário e importante:

- localizar as jazidas de matérias-primas que foram usadas na fabricação dos utensílios líticos e cerâmicos ;

- confrontar as principais características dos utensílios líticos e cerâmicos com as coleções oriundas do interior do Estado ;

- perceber as mudanças que possam surgir nos vestígios arqueológicos quando da realização da segunda etapa do Projeto no litoral Norte do Estado, região de conformação geológica diferente do litoral Oriental, apesar de apresentar as formações de

dunas. Nesta área o semi-árido alcança o litoral e o sistema de drenagem adquire outras peculiaridades ;

- discutir e reavaliar os modelos teóricos sobre as rotas de migrações pré-históricas referentes ao litoral do Nordeste brasileiro, levando em consideração as informações etnográficas e lingüísticas sobre o Rio Grande do Norte que o indicam como um dos focos de dispersão lingüística no território brasileiro, atestando a antiguidade de sua ocupação.

Considerações Finais

Trabalhar num ambiente como dunas do litoral oriental do Rio Grande do Norte gerou uma constatação imediata e uma imperiosa necessidade. O conhecimento sobre as dunas é, em sua maior parte, pouco e generalizante, além de apresentar uma série de restrições conquanto ao seu uso em exercícios de correlação em outras áreas. A arqueologia, a geologia, a geomorfologia, a geografia, a geo-física, a ecologia, a climatologia, a biologia marinha, a botânica e a zoologia, entre outras, possuem visões estanques, fechadas em suas próprias fronteiras científicas, não produzindo dados interdisciplinares que auxiliem a definir o ambiente como um todo.

Vamos simplificar tal constatação. Profissionais das ciências acima citadas fazem, atualmente, estudos sobre as dunas. Estamos, portanto, todos trabalhando no mesmo espaço e ambiente. Isso não dá a mínima garantia de que os dados coletados e as ligações feitas possam ser do uso comum. Falta um elo de ligação entre elas, um corpo em volta do qual orbitem, uma corrente em que, apesar das distâncias entre si, todas naveguem.

Esta é a necessidade. A interdisciplinaridade de objetivos e de postura. Objetos de estudo diferentes, metodologias próprias mas objetivos comuns. E um só objetivo está contido em todas as ciências: o ser humano.

Jamais foi tão importante o estudo do homem como nos dias atuais em que, de predadores por necessidades, tornamo-nos predadores por lazer.

Esta é a necessidade. O estudo conjunto de um ambiente que atraiu o homem e permitiu-lhe sobreviver por longo período. O homem das dunas representa um tipo acabado de perfeito manejo ambiental, usando o conjunto de diferentes características que definem tal complexo ecológico.

O trabalho em conjunto não se restringe, nesse caso, às disciplinas acadêmicas. É necessário o concurso dos legisladores e planejadores federais, estaduais e municipais. Devem eles exercer suas responsabilidades no tocante a incentivar o estudo e a preservação de uma unidade ambiental tão pouco conhecida, apesar de sua extrema importância para a fixação e a sobrevivência do homem antigo bem como para o seu usufruto atual.

Se à nossa atual geração faltou competência para um melhor entendimento das relações entre o homem e a natureza, não sejamos, no futuro, acusados de, talvez por não entendê-la, tê-la destruído.

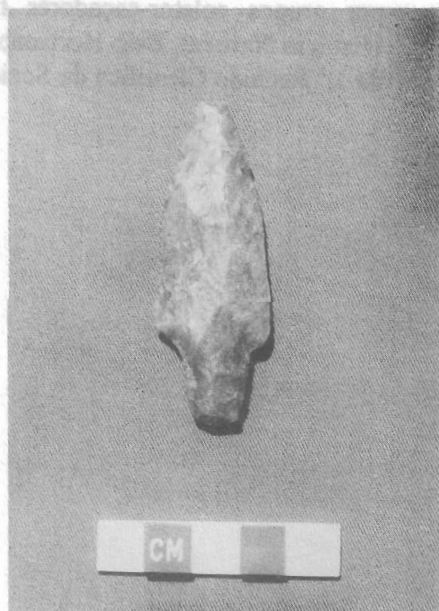
A principal função das modestas reflexões aqui expostas é buscar impedir que o desconhecimento do valor científico e cultural das dunas seja a desculpa para a omissão e o descaso que parece haver com as mesmas.

✉ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes - Departamento de História / Laboratório de Arqueologia - Campus Universitário - Lagoa Nova - Natal - CEP 59000

☎: (084) 231 12 66 Ramal 360

Fax: (084) 231 8792

Material lítico proveniente das dunas de Jenipabu, Natal-RN



Referências bibliográficas

- DIAS, Ondemar & CARVALHO, Eliana T. de. (1984). A Fase Itaipu, RJ: novas considerações. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, UFMG, vols. VIII-IX, p.95-106: Atas da 2.^a Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1983.
- _____. (1990). Tradição Itaipu (RJ): discussão de tópicos e proposta de modelo teórico. **Revista do CEPA - Anais da 5.^a Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, 1989. Santa Cruz do Sul: FISC, vol. 17, n.º 20, p.157-166.
- HURT, Wesley. (1989). Tradition Itaparica. **CLIO - Série Arqueológica**, n. 5. Recife, UFPE, p.55-58.
- LIRA, A. Tavares de. (1982). **História do Rio Grande do Norte**. 2.^a edição. Brasília, Fundação José Augusto, 361p.
- MARTIN, Gabriela. (1991). A Antiguidade do Homem no Nordeste do Brasil. **Anais da II Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**. Recife, UFPE/CNPq/FINEP/ABA, p. 481-486.
- UCHÔA, Dorath Pinto. (1984). Ocupação do Litoral Sul-Sudeste Brasileiro por grupos coletor-caçadores holocênicos. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, UFMG, vols VI-VII, p.113-144: Atas da 1.^a Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1981